REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS

ISSN: 2237-6585

O ASTRÓLOGO VAI À ROMA: A TRAJETÓRIA DE TIBÉRIO CLÁUDIO BALBILO E AS INTERCONEXÕES POLÍTICO-CULTURAIS NO MEDITERRÂNEO ROMANO (SÉC. I D.C.)

THE ASTROLOGER GOES TO ROME: THE LIFE OF TIBERIUS CLAUDIUS BALBILLUS AND THE POLITICAL AND CULTURAL INTERCONNECTIONS IN THE ROMAN MEDITERRANEAN (1ST C. AD)

CESAR LUIZ JERCE DA COSTA JUNIOR

Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED/UFPR)

RESUMO

O presente trabalho aborda a trajetória de Tibério Cláudio Balbilo, astrólogo nascido em Alexandria e um homem cuja vida, no século primeiro da Era Cristã, demonstra um notável processo de interconectividade política e cultural no Mediterrâneo romano. A partir do principado de Cláudio (41-54 d.C.), Balbilo construiu uma bem-sucedida carreira nos meios políticos de Roma, não só como astrólogo íntimo do poder imperial, mas também como um membro da ordem equestre intelectualmente reputado. Ao estudarmos aspectos centrais de suas origens e ofícios, nosso objetivo é mostrar o impressionante cosmopolitismo político-cultural de Balbilo, um homem cujas complexidades identitárias dificilmente se enquadram em genéricas categorizações (romano, grego, egípcio etc.) excessivamente restritivas quando separadas, mas que revelam, em conjunto, a riqueza do fenômeno globalizante da Antiguidade.

PALAVRAS-CHAVE: TIBÉRIO CLÁUDIO BALBILO, ASTRÓLOGO, INTERCONEXÕES POLÍTICO-CULTURAIS, MEDITERRÂNEO ROMANO, IMPÉRIO

ABSTRACT

This paper looks at the career of Tiberius Claudius Balbillus, an astrologer born in Alexandria and a man whose life in the first century AD shows a remarkable process of political and cultural interconnectivity in the Roman Mediterranean. From the time of Claudius (41-54 AD) and onwards, Balbillus built a successful career in Rome's political circles, not only as an astrologer in close contact with the imperial power, but also as an intellectually renowned member of the equestrian order. By studying central aspects of his origins and offices, our aim is to show the impressive political and cultural cosmopolitanism of Balbillus, a man whose identity complexities hardly fit into generic categorizations (Roman, Greek, Egyptian etc.) that are excessively restrictive when separated, but which together reveal the richness of the globalizing phenomenon of Antiquity.

KEYWORDS: Tiberius Claudius Balbillus, astrologer, cultural and political interconnections, Roman Mediterranean, Empire

Considerações iniciais

Em tempos recentes, os estudos acerca do Império Romano e de suas complexas estruturas socioculturais, militares e políticas têm ganhado novos contornos e abordagens e acompanhado as preocupações contemporâneas que lidam com um mundo cada vez mais interligado e interconectado no que se consagrou chamar, desde os anos 90, de globalização ou mundialização. Nas últimas décadas, nunca foi tão frenético o trânsito de pessoas mundo afora, como demonstra o sucesso absoluto das modernas linhas de aviação comercial, que transportam milhões de passageiros para todos os cantos do mundo anualmente, ou a interconectividade possibilitada pela internet e por redes sociais. A mobilidade populacional também acompanhou essa tendência, com o fenômeno migratório ganhando dramático destaque não só diante de comunidades nacionais pouco habituadas ao convívio com estrangeiros como, também, pelas tragédias humanitárias que vitimam centenas de milhares de imigrantes em busca de um novo lar e um recomeço de suas vidas em melhores condições.

Porém, enganam-se aqueles que acreditam que a ausência de tecnologias avançadas de transporte e comunicação impediam que o Mundo Antigo conhecesse semelhante fenômeno globalizante. A globalização antiga certamente era bem mais lenta em termos de recursos técnicos, mas muito concreta e eficiente em seus próprios meios. Em relação ao Império Romano, conexões e interconectividades foram o resultado natural de uma cidade que, por sua expansão militar progressiva, ganhou *status* de Império global ao integrar regiões e populações tão distintas ao seu meio territorial, sem necessariamente destruí-las ou anulá-las (salvo como rara exceção), mas capaz de criar sínteses culturais que tornavam a *romanidade* e, mais ainda, a *romanização*, um conceito amplamente discutido na historiografia, um fenômeno complexo e heterogêneo, não mais uma mera forma de aculturação civilizatória, ou seja, de preenchimento de um suposto vazio cultural por parte de uma tradição superior, a romana, como muitos estudiosos do início do século XX acreditaram, a exemplo do inglês Francis Haverfield[1]. Na esteira da crítica a essa visão colonialista e na defesa de um processo mais matizado, estão Martin Millett[2] e, mais recentemente, Richard Hingley[3], ambos ingleses e um bom exemplo do quanto as discussões relativas à presença romana na *Britannia* geraram um grande e positivo movimento de renovação historiográfica[4].

[1] HAVERFIELD, F. *The Romanization of Roman Britain*. 3º edition. Oxford: Clarendon Press, 1925, p. 13.
[2] MILLETT, M. *The Romanization of Britain*: An Essay in Archaeological Interpretation. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 1-2.
[3] HINGLEY, R. Globalizing Roman Culture: Unity, Diversity and Empire. Londres: Routledge, 2005, p. 14-29.
[4] No Brasil, as repercussões dessa discussão podem ser encontradas em MENDES, N. O Espaço urbano da cidade de Balsa: uma reflexão sobre o conceito de romanização. Em: *Fênix*. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 1, 2007, p. 1-20.

No Mediterrâneo, um processo agudo de globalização se intensificou no período helenístico, sob a égide da língua grega, mas alcançou seu ápice no período romano. O Principado de Augusto (27 a.C. a 14 d.C.) foi, nesse sentido, um marco notável nesse processe de integração do Mediterrâneo, com os grandes poetas como Horácio e Ovídio celebrando as benesses da *Pax Romana*, uma paz, como bem nos lembra Adrian Goldsworthy, muito real com o fim das lutas civis a partir do I século da Era Cristã, mas uma paz estabelecida em benefício de Roma, uma paz entre desiguais[5]. No século II da Era Cristã, o orador e sofista grego Élio Aristides, ele mesmo um exemplo da síntese cultural de seu tempo, louvava o mundo interconectado criado por Roma e, mostrando admiração, reconhece que para lá tudo convergia, navios, mercadorias, as artes e, naturalmente, os homens[6]. As palavras de Aristides nos revelam que o Império Romano era uma entidade política muito mais aberta ao trânsito de indivíduos ou grupos (e de ideias, técnicas e práticas culturais)[7] do que, comparativamente, aos Estados-nações modernos com seus aparatos, papeladas e instituições burocratizadas (departamentos de imigração, vistos, passaportes etc.). No mundo romano, nada dessa natureza impunha restrições à mobilidade e o Estado pouco controlava ou rastreava o trânsito de indivíduos, salvo em certos contextos específicos como cobrança de impostos, exílios ou relegações que especificavam, em termos muito particulares, onde e quando certos indivíduos poderiam estar se estivessem sob a mira de alguma autoridade, instrumentos usados e incrementados pelos imperadores romanos, a exemplo de Cláudio que, segundo Suetônio, criou uma punição que impedia condenados a deixarem os limites de Roma para além de 4 quilômetros[8].

Nessa ótica, para muito além das possibilidades de trânsito, origens étnicas, linguagem falada e escrita, bagagem cultural e intelectual das mais diversas eram elementos temperados por uma notória flexibilidade na concessão de cidadania e, igualmente, pela possibilidade de ascensão social e política numa capital que jamais foi capaz de conter a chegada de homens e mulheres de todos os lugares do Império e muito além. O relato de Tácito nos mostra que, ao longo do período imperial, a balança de favorecimento foi sendo lentamente invertida, não mais em benefício exclusivo da Capital, mas sim de provincianos ávidos de sucesso no próprio centro de poder, para grande desgosto das elites locais. Aqui, novamente, Cláudio é um príncipe paradigmático, um homem inteligente e historiador de profissão, que sabia das potencialidades desses recém-chegados e buscou incentivar esse processo. Ao ser questionado por um senado tradicionalista, respondeu espirituosamente em seu

[5] GOLDSWORTHY, A. *Pax Romana*: War, Peace and Conquest in the Roman World. New Haven: Yale University Press, 2016, p .12-13.
[6] ÉLIO ARISTIDES. *Orationes*, XXVI, 13. Tradução de Juan Manuel Cortés Copete. Biblioteca Clássica Gredos, 1997.
[7] Certamente não de forma irrestrita, já que as fronteiras militarizadas eram concretamente barreiras de contenção a possíveis invasores (ou migrantes).
[8] SUETÔNIO, *De vita Caesarum*, 23. Tradução de J. C. Rolfe. Loeb Classical Library, 1914.

discurso que ele próprio era de origem sabina, que as elites itálicas eram da Etrúria, de Alba, da Lucânia e de outras partes da Itália; que Esparta e Atenas definharam por não estenderem o direito de cidadania e que essa era a grande inovação romana[9]. O paradigma de Cláudio venceu no fim das contas e Roma foi capaz de criar, em seu projeto imperial, *novos romanos* em todos os lugares onde exerceu seu domínio, romanos estes que poderiam pouco ou nada se assemelhar aos habitantes originários da Península Itálica, mas que, ainda assim, eram efetivamente romanos juridicamente e em variados graus de adesão cultural. Ao pensarmos nessas questões, trazemos à discussão a vida e a trajetória de um indivíduo que, de certa maneira, assim como o caso anterior de Aristides, corporificava em si próprio todos esses elementos culturais tão diversos, um mundo inteiro refletido na existência de um único indivíduo, ele próprio uma síntese viva de mais de quatro séculos de tradição helenístico-romana. Estamos falando de Tibério Cláudio Balbilo, homem de grande saber em variados campos do conhecimento, mas particularmente famoso pela arte da astrologia, uma atividade (e fenômeno cultural) cuja história possuiu amplas raízes na Antiguidade. É sobre ele que falaremos a seguir e de suas andanças por um mundo mediterrânico aberto e interconectado.

1) As origens: do Egito para Roma

Assim como em outros estudos sobre as trajetórias de indivíduos que viveram no Mundo Antigo, de imperadores e elites a populares, a documentação relativa à vida de Balbilo, o astrólogo, é extremamente escassa e fragmentária, de modo que nossa visão de sua trajetória é, irremediavelmente, incompleta e as discussões sobre sua identidade permeadas de polêmicas e discordâncias entre os especialistas. Com efeito, os redatores da *Prosopographia Imperii Romani*, Artur Stein e Edmund Groag, numa demonstração de cautela (talvez excessiva) por conta do estado da documentação, consideraram a existência de *dois Balbilos distintos*, um o astrólogo[10] e o outro prefeito do Egito[11]. Porém, muitos especialistas se afastaram dessa posição e entendem se tratar do mesmo indivíduo, a exemplo de Conrad Cichorius[12], Franz Cumont[13], Frederick Cramer[14], Roger Beck[15] e Ronald Syme[16]. Na esteira desses estudiosos, também entendemos não haver evidências realmente sólidas para acreditar se tratar de dois indivíduos, pois eventuais incoerências documentais podem ocorrer mesmo em biografias de indivíduos cuja identidade não é razão de discórdia. Assim,

[9] TÁCITO, *Annales*, XI, 24. Tradução de J. Jackson. Loeb Classical Library, 1925.
[10] *PIR*² B 38. GROAG, E; STEIN, A. *Prosopographia Imperii Romani*, Saec. I. II. III. Berlim: Walter de Gruyter, 1993
[11] *PIR*² C 813.
[12] CICHORIUS, C. Der Astrologe Ti. Claudius Balbillus, sohn des Trasyllus. Em: *Rheinisches Museum für Philologie*. Neue Folge, 76. Bd., 1. H., 1927, p. 102-105.
[13] CUMONT, F. Astrologues romains et byzantins. Em: *Mélanges de l'école française de Rome*, Vol. 37, 1918, p. 33-38.
[14] CRAMER, F. *Astrology in Roman Law and Politics*. Filadélfia: American Philosophical Society, 1954, p. 112-144.
[15] BECK, R. *Beck on Mithraism*: Collected Works with New Essays. Londres: Routledge, 2004, p. 43.
[16] SYME, R. *Tacitus* (vol. 2). Oxford: Clarendon Press, 1958, p. 508.

apresentamos a trajetória de Tibério Cláudio Balbilo como um único indivíduo, tanto astrólogo quanto político e prefeito romano, pois em nosso entendimento não existia nenhuma barreira ou contradição que invalidasse a possibilidade de um astrólogo, invariavelmente um homem letrado, de ingressar e prosperar nos quadros dirigentes da elite romana.

A despeito dessas lacunas documentais, que tornam questões relativas à sua vida confusas e abertas à formulação de hipóteses, muito pode ser aprendido desses fragmentos e os diferentes contextos de vida e atuação de Balbilo não deixam de impressionar por seu dinamismo e por suas disposições às viagens de longa distância, o que o fez estar em muitos lugares do Império Romano, em funções igualmente diversas, seja no exército romano, enquanto procurador imperial e, não menos importante, governador provincial. Para além de seu aparecimento das fontes latinas dos séculos I e II da Era Cristã, justamente durante os períodos de Cláudio, Nero e Vespasiano, quando sua carreira alcançou maior proeminência, o documento mais relevante sobre sua trajetória é uma inscrição epigráfica encontrada em Éfeso, local em que se estabeleceu antes de sua morte, entre 70-80 d.C. É um documento honorário ímpar por apresentar os cargos e ofícios desempenhados pelo astrólogo ao longo de sua vida, ainda que seu estado de conservação seja precário[17].

Com efeito, as origens de Balbilo são discutíveis, muito embora seu lugar de nascimento seja certo, a capital do Egito, Alexandria, numa data impossível de estabelecer com precisão, provavelmente entre os anos finais de Augusto (1 a.C. a 14 d.C.). Há relativo consenso entre os especialistas de que Balbilo seja filho de Tibério Cláudio Trasilo, astrólogo de grande influência e amigo pessoal do imperador Tibério[18] desde o encontro dos dois na ilha de Rodes[19], o que resultou na concessão da cidadania romana a Trasilo (entre 1 a.C. a 4 d.C.)[20], o que é justamente indicado pela adoção do nome gentilício da família imperial. Tácito menciona o fato de que o filho de Trasilo também era um astrólogo (sem o nomear diretamente, porém)[21]. O documento epigráfico de Éfeso encontra-se parcialmente mutilado na parte do nome do pai de Balbilo, aspecto que dificulta grandemente a compreensão, mas, além da referência taciteana, parece haver correspondência entre o nome gentilício de ambos, o que torna bastante plausível a paternidade de Trasilo, não só pelo nome, mas também por Trasilo ter igualmente nascido no Egito. Mais problemática e menos consensual é

[17] (*AE*, 1924, nº 78). *L'Année Épigraphique*. Presses Universitaires de France, 1924, nº 78, p. 20; SCULLARD, H. H; LEVICK, B. Claudius Balbillus, Tiberius. Em: HORNBLOWER, S; SPAWFORTH, A; EIDINOW, E. *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 325.
[18] BECK, R. *Beck on Mithraism*: Collected Works with New Essays. Londres: Routledge, 2004, p. 42.
[19] Então um reputado centro de aprendizado de retórica e local de convergência de muitos estoicos, a exemplo de Posidônio, o contexto filosófico-cultural da astrologia de Trasilo.
[20] LEVICK, B. *Tiberius the Politician*. Londres: Routledge, 1999, p. 7.
[21] TÁCITO. *Annales*, VI, 22.

saber quem foi a mãe de Balbilo, uma mulher cuja identidade não é possível afirmar com segurança, mas que estudiosos como C. Cichorius e F. Cramer identificaram como Aka de Comagena, uma princesa de origem oriental que, supostamente, teria se casado com Trasilo[22]. De fato, a trajetória de Balbilo esteve efetivamente relacionada com a casa real de Comagena, mas só em relação a seus *descendentes*, filha e neta, como veremos mais adiante, no final deste texto.

A partir desses elementos, a identificação da paternidade de Trasilo parece estar correta, mas a identidade da mãe é um caso em aberto. A documentação existente não nos permite saber ao certo de que modo Balbilo foi introduzido à corte imperial, nem quando efetivamente isso ocorreu, mas é certo que sua presença em Roma se deu por intermédio de seu pai e sua invejável posição perante Tibério. O fato é que sua efetiva carreira começa a partir do principado de Cláudio (41-54 d.C.), período em que a documentação se torna mais abundante, e vemos Balbilo acompanhar o exército romano nas campanhas militares daquele príncipe. É preciso mencionar, ainda que de passagem, que o nome "Balbilo" também aparece em um conjunto de textos oriundos de Alexandria datados desse mesmo período, chamados de *Acta Isidori*, um testemunho eloquente das disputas étnicas e políticas locais envolvendo membros da elite alexandrina e a comunidade judaica, na qual um Balbilo figura como mediador ou interlocutor[23]. Porém, não há indícios de que se trate do mesmo indivíduo, a despeito de ser uma cidade comum ao astrólogo[24]. O documento de Éfeso postula que Balbilo ocupou as posições de *praefectus fabrum* (um oficial responsável pelos acampamentos, máquinas e armas de assédio[25], ofício condizente com a perícia matemática de um astrólogo[26]) e *tribunus militum* na XX Legião *Valeria Victrix*[27], uma das quatro legiões que foram empregadas nos estágios iniciais da conquista da *Britannia* em 43, o que permite supor que Balbilo esteve na ilha, pelo menos durante a breve permanência de Cláudio na região[28], o que seria a área mais distante do Mediterrâneo em que transitou. No contexto de retorno do imperador e nas celebrações de seu triunfo, o documento de Éfeso nos indica que a carreira militar de Balbilo foi breve, mas meritória, pois menciona condecorações prestigiosas, a exemplo da concessão da *hasta pura*. Após os anos de 43-44, Balbilo

[22] CICHORIUS, C. Der Astrologe Ti. Claudius Balbillus, sohn des Trasyllus. Em: *Rheinisches Museum für Philologie*. Neue Folge, 76. Bd., 1. H., 1927, p. 103; CRAMER, F. *Astrology in Roman Law and Politics*. Filadélfia: American Philosophical Society, 1954, p. 13, 94-95.
[23] CLÍMACO, J. C. *Acta Alexandrinorum*: questionamentos dos alexandrinos às práticas imperiais romanas. Em: *Revista de História*. São Paulo, nº 161, 2009, p. 321.
[24] Sobre as polêmicas envolvendo a identidade (ou as múltiplas identidades) de Balbilo, um bom quadro da questão pode ser encontrado em: SCHWARTS, J. Ti. Claudius Balbillus (préfet d'Égypte et conseiller de Néron). Em: *Bulletin de l'Institut français d'archéologie orientale*. Vol. 49, 1950, p. 45-55.
[25] VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, II, 11. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. Paumape, 1995.
[26] CRAMER, F. *Astrology in Roman Law and Politics*. Filadélfia: American Philosophical Society, 1954, p. 114.
[27] *L'Année Épigraphique*. Presses Universitaires de France, 1924, nº 78, p. 20.
[28] SYME, R. *Tacitus* (vol. 2). Oxford: Clarendon Press, 1958, p. 508.

desempenhou funções na corte que poderíamos chamar de administrativas, responsável por receber embaixadas e correspondências de origem grega[29]. Nesse sentido, o astrólogo não foi o único e seu sucesso na corte se encaixa num quadro maior de ascensão de homens oriundos do oriente e imbuídos de cultura grega nos principados subsequentes, em especial sob Nero[30]. Porém, o papel de prestígio de Balbilo não pode ser reduzido apenas à política, pois seu renome também se fez através da consulta aos astros. Embora não seja nosso abjetivo primordial aprofundar detalhes acerca do saber astrológico dominado por homens como Balbilo, devemos mencionar, mesmo que brevemente, sua relevância para as sociedades antigas, com um perfil muito distinto do nosso mundo contemporâneo em que as relações sociais e os poderes políticos se secularizaram em larga medida, relegando a astrologia à condição de pseudociência ou simples superstição.

A importância social de homens como Trasilo e Balbilo se explica pelo papel fundamental de elementos místicos que, mesclados à religião, à filosofia, aos cultos e às tradições ancestrais, eram parte essencial da vida cotidiana de homens e mulheres que percebiam os poderes supra-humanos como algo condicionante de sua existência. Diferentemente do mundo atual, que herdou o desdém iluminista por tais práticas, astrologia e formas de adivinhação baseadas em observação e cálculos astronômicos tinham papel central na cosmovisão antiga, não eram vistas como opostas à racionalidade[31] e tinham relevância para regular a vida social e as instituições de governo[32]. Em termos mais sucintos, a arte da astrologia buscava nos céus informações que pudessem predizer assuntos terrenos através das posições e movimentos do sol, da lua, dos planetas e das estrelas fixas, uma arte (ou ciência para os parâmetros antigos) de destacada importância justamente na terra natal do astrólogo, Alexandria[33]. Assim como a própria figura de Balbilo, a astrologia no período romano também era fruto de uma interconexão secular entre as sociedades do Mediterrâneo, pois, segundo Silva e Motta, ela entra no mundo helenístico através de sacerdotes babilônios e se conjuga com a física, astronomia e filosofia gregas, de forma que astrologia e astronomia se tornaram termos sem distinção naquele contexto[34]. A difusão da astrologia nos primeiros séculos da Era Cristã no palco do

[29] *L'Année Épigraphique*. Presses Universitaires de France, 1924, nº 78, p. 20.
[30] DRINKWATER. J. *Nero*: Emperor and Court. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 419.
[31] Assim como hoje ela é entendida como uma forma de superstição, muitos romanos, inicialmente, nos tempos republicanos, não necessariamente a viam de forma positiva, a exemplo de Cícero, que denunciava os adivinhos movidos pelo dinheiro. Cf. CÍCERO, *De divinatione*, I, 58. Tradução de W. A. Falconer. Loeb Classical Library, 1923.
[32] DELGADO, J. A. La adivinación en el Mundo Antiguo. Em: DELGADO, J. A; JIMÉNEZ, A. P. (Orgs). *Adivinación y Astrología en el Mundo Antiguo*. Las Palmas: Guanarteme, 2014, p. 8. Cf. também CRAMER, F. *Astrology in Roman Law and Politics*. Filadélfia: American Philosophical Society, 1954, p. 4.
[33] BECK, R. Astrology. Em: HORNBLOWER, S; SPAWFORTH, A; EIDINOW, E. *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 187-188.
[34] SILVA, S. C; MOTTA, V. Astrologia e poder no Império Romano: a adivinhação do Destino na Antologia, de Vettius Valens. In: *Romanitas*. Vitória, 2017, nº 9, p. 117. Cf. também MOTTA, V. Conhecimento astrológico e fronteiras culturais

Mediterrâneo, chamada também pelos romanos de "saber dos caldeus" não pode ser, também, dissociada da religião, pois acompanhou e fundamentou diversos cultos emergentes de natureza místico-filosófica, a exemplo do Hermetismo egípcio[35].

Nessa ótica religiosa, o próprio Balbilo pode ter desempenhado um papel fundamental. Para Roger Beck, estudioso do mitraísmo, existe a possibilidade de o astrólogo figurar entre os primeiros formuladores, pelo menos em termos de um patronato intelectual, daquele culto de Mistérios tão difundido nos séculos subsequentes da Antiguidade, dada suas relações familiares (a partir de seus descendentes) com os governantes do reino de Comagena, um dos locais que cumpre papel chave no desenvolvimento desse culto[36], pois sua cosmologia é profundamente imbuída de elementos astrológicos. Pelo fato de a astrologia ser uma prática capaz de comunicar mensagens divinatórias com potencial efeito sócio-político, o poder imperial romano jamais descuidou da questão e manteve estrita vigilância sobre tais assuntos[37]. Nesse contexto de íntima relação entre astrologia e política, um dos aspectos mais sensíveis da prática astrológica era a realização de horóscopos relativos à duração da vida dos imperadores, baseados na influência e na posição dos astros no momento de seu nascimento, as chamadas "natividades". Alguns fragmentos de natividades de autoria de Balbilo foram preservados em textos bizantinos subsequentes[38], certamente uma elaboração teórica do assunto. Como pode ser imaginado, tais práticas não autorizadas poderiam se tornar um perigo para os príncipes que, paradoxalmente, utilizavam-na e, ao mesmo tempo, tentavam restringir o acesso a ela, a exemplo de Augusto, que legislou proibindo consultas que fossem relativas ao momento de morte de qualquer indivíduo. Aqueles que fossem acusados de fazer consultas ou pegos com horóscopos de imperadores poderiam sofrer sérias penalidades[39]. Dessa maneira, ao guardarem os horóscopos imperiais, ou ao serem consultados sobre assuntos demasiadamente sensíveis, homens como Trasilo e Balbilo se tornavam verdadeiros agentes políticos imbuídos de informações vitais aos quais poucos tinham acesso, algo que Tácito não deixou de notar durante a redação de suas obras, a dificuldade de acessar os segredos ou informações que apenas ocorriam a portas fechadas, longe do

na Alexandria do Principado Romano. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

[35] CUMONT, F. *Astrology and Religion Among the Greeks and Romans*. Nova York: The Knickerbocker Press, 1912, p. 76-77.

[36] BECK, R. *Beck on Mithraism*: Collected Works with New Essays. Londres: Routledge, 2004, p. 42-44.

[37] Sobre as preocupações do poder imperial em relação à astrologia, tanto em termos legitimatórios quanto restritivos. cf. SILVA, G. V. Augurum et vatum prava confessio conticescat: Constâncio II e a legislação contra os adivinhos e feiticeiros. In: *Justiça e História*. Porto Alegre, Vol. 2, p. 149-183, 2002.

[38] GANSTEIN, M. Balbilus and the Method of *aphesis*. In: Greek, Roman and Byzantine Studies. Nº 52, 2012, p. 593-594.

[39] SILVA, S. C; MOTTA, V. Astrologia e poder no Império Romano: a adivinhação do Destino na Antologia, de Vettius Valens. In: Romanitas. Vitória, 2017, nº 9, p. 122.

olhar e da audição públicas, os segredos do palácio imperial (*arcana imperii*)[40]. O exemplo da força na crença nos poderes divinatórios do "saber dos caldeus" era tamanho que Tácito e Dião Cássio registraram o modo como procedia Tibério, ao manter Trasilo sempre próximo e consultando-o a respeito de sonhos e presságios todos os dias[41]. Não há razões para duvidar de que outros príncipes faziam o mesmo.

Por tais razões, para além de seu importante papel como astrólogo de imperadores, Balbilo inevitavelmente se tornou um verdadeiro político de alto nível, sob a vantajosa condição de *amicus principis*, o que lhe abriu outros caminhos institucionais para além da prática da astrologia[42]. Nesse sentido, voltamos ao Balbilo político. Contudo, não parece haver evidências na documentação que comprovem que Balbilo tenha iniciado carreira no disputado *cursus honorum*, nem de que tenha entrado para a ordem senatorial, mas podemos concluir com toda certeza, pelas oficialidades que exerceu, seu pertencimento à ordem equestre. Balbilo, desse modo, atuou dentro do âmbito de prerrogativas de ação dos imperadores, na dependência destes, inclusive como procurador imperial, uma escolha comum naquele contexto em que muitos renunciavam a um prestigiado assento senatorial, a exemplo de Aneu Mela, irmão mais novo do filósofo Sêneca e pai do poeta Lucano[43]

2) Entre Roma e Alexandria: político romano e sábio helenístico

Apesar do tempo em que esteve no exército romano e de suas posteriores atribuições na corte, vemos a carreira do astrólogo progredir também nos anos finais do principado de Cláudio. Talvez o que mais chame a atenção seja o fato de Balbilo ter sido nomeado para a direção do *Mouseion* e da Biblioteca de Alexandria, conforme nos indica o documento de Éfeso[44], uma enorme distinção em sua própria terra natal. Trata-se de uma clara evidência de continuidade daquelas seculares e tão famosas instituições alexandrinas durante o Principado. Lionel Casson, ao escrever sobre a Biblioteca, afirmou que, durante o período imperial, o pertencimento ou a direção da instituição não mais eram atribuídos a indivíduos reconhecidos por seu saber, a exemplo do que ocorria durante o período ptolomaico, mas apenas para bem-sucedidos administradores e oficiais governamentais, militares e até atletas, e usa, justamente, o exemplo de Balbilo[45], desconsiderando, por consequência,

[40] TÁCITO, *Annales*, II, 36.
[41] TÁCITO, *Annales*, VI, 20; DIÃO CÁSSIO, *Historiae Romanae*, LVII, 7.
[42] Apesar de sua posição privilegiada junto ao poder, "astrólogo de corte" não é um bom conceito, já que essa posição nunca existiu oficialmente e não há garantias de que Balbilo permanecesse sempre junto à corte imperial para essas atividades em específico. Sobre a crítica a essa noção, cf. RIPAT, P. Expelling Misconceptions: Astrologers At Rome. In: *Classical Philology*. Vol. 106, nº 2, p. 122.
[43] TÁCITO, *Annales*, XVI, 17.
[44] *L'Année Épigraphique*. Presses Universitaires de France, 1924, nº 78, p. 20.
[45] CASSON, L. *Libraries in the Ancient World*. New Haven: Yale University Press, 2002, p. 47.

suas qualidades enquanto intelectual e sábio. Trata-se de um juízo equivocado sobre o astrólogo em nosso ponto de vista, já que seus talentos literários foram amplamente elogiados por Sêneca, que o conheceu pessoalmente e afirmou ser Balbilo um "homem excelente e excepcionalmente refinado em todos os gêneros de literatura"[46] . As palavras de Sêneca implicam que Balbilo foi, efetivamente autor de muitas obras publicadas, para além dos horóscopos de natividade do qual tratamos anteriormente, porém nada do que redigiu, infelizmente, parece ter sobrevivido. Podermos afirmar, com efeito, que Balbilo era um verdadeiro *polímata*, um homem versado em inúmeros temas, não só da matemática e da astrologia, mas também em termos de filosofia e religião, um mosaico de conhecimentos que igualmente sintetizavam as interconexões intelectuais do helenismo romano e, portanto, largamente qualificado para tal posição, ainda mais se pensarmos que o próprio imperador Cláudio era um homem de letras e esse pode ter sido um fator realmente determinante em sua escolha. Balbilo parece ter exercido, igualmente, cargos sacerdotais em Alexandria[47], aspectos que reforçam os fortes elos que Balbilo tinha com o Egito, a despeito do seu prestígio e influência em Roma.

A ascensão do jovem Nero ao governo do Império Romano pelos esforços de sua mãe, Agripina, no dia 13 de outubro de 54, não representou um perigo para Balbilo, pois era comum nas transições de poder a queda inevitável de muitos dos antigos *amici principis* poderosos, mas, efetivamente, esse não foi o caso de Balbilo, o astrólogo-político. Pelo contrário, significou o ápice do sucesso de sua carreira. A habilidade política de Balbilo em costurar relações de *amicitia* entre os poderosos de Roma lhe deu um notável privilégio naquele contexto de rápida competitividade entre círculos aristocráticos em disputa, pois era próximo tanto de Agripina quanto de Sêneca e seu grupo de estoicos, estes últimos a nova força motriz da corte de Nero que suplantou Agripina e seus aliados próximos no ano de 55[48]. Agripina, em especial, tinha boas razões em seu apreço pelo astrólogo, pois, mais de uma década antes, segundo Tácito, o "filho de Trasilo" havia, supostamente, predito que Nero seria príncipe[49]. Ainda naquele ano de 55, a Augusta mãe de Nero, em uma de suas últimas demonstrações efetivas de poder político, indicou o nome de Balbilo para a prefeitura do Egito[50], um cargo para o qual o astrólogo estava mais do que habilitado a exercer[51], medida essa que não deve ter sido do

[46] SÊNECA, *Naturales quaestiones*, IV(A), 14. Tradução de Harry M. Hine. University of Chicago Press, 2010.
[47] RIGSBY, K. On the High Priest of Egypt. In: *The Bulletin of the American Society of Papyrologists*. Vol. 22, nº ¼, 1985, 282-283.
[48] COSTA JUNIOR, C. L. J. *O Império Romano e suas elites*: círculos aristocráticos e competição política no Principado de Nero. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022, p. 156-182.
[49] TÁCITO, *Annales*, VI, 22.
[50] TÁCITO, *Annales*, XIII, 22; SÊNECA, *Naturales quaestiones*, IV(A), 14. Este é o ponto em que Groag e Stein (*PIR*²), discordam que a identidade do prefeito seja a mesma do astrólogo e entendem se tratar de dois indivíduos distintos.
[51] Não só por ser um equestre com reconhecidos serviços aos príncipes, já que essa província era vetada aos senadores, mas também pelos claros elos de Balbilo com o universo alexandrino de seu tempo.

desagrado de Sêneca pois, como vimos anteriormente, o filósofo demonstrava publicamente apreço pelas qualidades literárias de Balbilo e a relação de cordialidade entre ambos parece ter perdurado por muitos anos, inclusive quando Sêneca redigiu suas *Naturales Quaestiones*, no qual Balbilo atuou como fonte de informação *in situ* para Sêneca ao lhe informar a respeito da natureza dos animais que habitavam a foz do Nilo[52], na mesma passagem em que elogia as qualidades literárias de Balbilo que mencionamos anteriormente. É um contato que não surpreende, pois a astrologia do tempo de Balbilo estava imbuída de doutrinas filosóficas e conceitos estoicos como o de *fatum* (Destino), apenas para citar um exemplo, era algo que certamente interessava a ambos, uma noção na encruzilhada entre astrologia e a ética. Nesse contexto de diálogo entre dois grandes intelectuais, vemos os mecanismos de interconexão cultural em pleno funcionamento, uma linha de contato direto entre Roma e Alexandria. Plínio, o velho, em suas digressões cheias da mais profunda admiração pelas maravilhas da natureza, nos diz, casualmente, que Balbilo navegou da Sicília até Alexandria em apenas seis dias, um exemplo do que a produção de linho (do qual eram feitos os velames dos navios) era capaz de realizar, a aproximação de dois continentes[53].

O mandato de Balbilo chegou ao fim em 59[54], quando foi chamado de volta a Roma, já num contexto de rápida mudança. Agripina havia sido executada e a imagem pública de Sêneca e dos estoicos que regiam os assuntos da corte estava gravemente abalada, com Nero cada vez mais disposto a agir autonomamente e direcionar seu favorecimento a outros grupos políticos[55]. O contexto era adverso para os antigos protegidos de Agripina, o que, pela lógica, deveria ter dificultado a vida de Balbilo ou o colocado em perigo, mas, com efeito, as habilidades políticas do astrólogo voltam à cena e o que se observa é o oposto, com Balbilo, a partir de 60 d.C., agora próximo ao imperador e exercendo o papel de eventual conselheiro. Exemplo dessa proximidade, assim podemos dizer, é registrada por Suetônio, na qual a observação de um cometa, em algum momento entre os anos de 65-66, pôs Nero em grande insegurança como presságio de morte de governantes, visto que o príncipe já havia desbaratado uma grande conspiração naquele mesmo contexto e outra se encontrava em andamento[56]. Balbilo, consultado, alegadamente afirmou que a morte de aristocratas e homens de prestígio poderia evitar tal destino[57]. Se tal conselho foi efetivamente dado, não deixa de ser exemplar

[52] SÊNECA, *Naturales quaestiones*, IV(A), 14.
[53] PLÍNIO, O VELHO. *Historia Naturalis*, XIX, 1. Tradução de H. Rackham, Loeb Classical Library, 1950.
[54] BASTIANINI, G. Lista dei prefetti d'Egitto. In: *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. Vol. 17, 1975, p. 273.
[55] COSTA JUNIOR, C. L. J. *O Império Romano e suas elites*: círculos aristocráticos e competição política no Principado de Nero. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022, p. 200-207.
[56] As datas carecem de precisão, mas é fato que a conjuração de Pisão, em 65 d.C., na qual Sêneca e muitos outros pereceram, abalou o Principado de Nero e foi seguida de outra, muito mal documentada, chamada a conspiração de Viniciano, em algum momento do ano de 66.
[57] SUETÔNIO, *De vita Caesarum*, Nero, 36.

o pragmatismo de um homem que conhecia como ninguém o funcionamento da corte e as inseguranças de Nero diante das agitações políticas protagonizadas pelas elites romanas.

Após a morte de Nero e a guerra civil subsequente (68-70 d.C.), não há clareza dos passos seguidos pelo astrólogo, mas seu prestígio era conhecido de todos os pretendentes ao poder, sobretudo o vencedor final da disputa, Vespasiano, com quem Balbilo estabeleceu uma relação tão cordial e amistosa quanto aquela que manteve com Nero. Dião Cássio nos informa que o vencedor da guerra civil se consultava regularmente com os melhores dentre ele e, como já era esperado, nessa lista de privilegiados, está Balbilo (*Barbillus* na redação de Dião Cássio)[58], o que nos mostra que o astrólogo novamente foi capaz de driblar as adversidades e sustentar sua posição, com a vantagem do renome já obtido, um capital político inestimável tanto pela astrologia quanto pelos cargos exercidos. A partir do período dos Flávios, embora sem qualquer data precisa e por razões difíceis de identificar, Balbilo se estabeleceu em Éfeso, cidade onde permaneceria até sua morte, a mesma cidade do documento epigráfico que mencionamos ao longo deste texto. Entre os efésios, Balbilo foi de tal forma reputado que solicitaram autorização do imperador para instituir jogos sagrados em honra ao astrólogo[59], as "Balbiléias" (*Balbillea*, *Balbilleia*). Embora Dião Cássio expresse que o privilégio não foi conferido a nenhuma outra cidade, existem registros de que tal festividade não se restringiu apenas a Éfeso, mas igualmente celebrada em outras cidades da província da Ásia, como Tiatira, até o século III[60]. Assim como não é possível assegurar com precisão a data de nascimento de Balbilo, sua morte padece do mesmo problema, mas é certo que, se nasceu sob Augusto, já se encontrava em idade bastante avançada e, possivelmente, sua morte deve ter ocorrido nos primeiros anos de Domiciano (de 81 d.C. em diante), um pouco depois da morte de Plínio, o velho, durante a erupção do Vesúvio[61].

O mapa abaixo nos permite ter uma dimensão geográfica mais apropriada da circulação de Balbilo no interior das fronteiras do Império Romano e de que modo o astrólogo transitou entre mundos tão diversos, mas, de forma geral, com a exceção da expedição de Cláudio à *Britannia* (em 43), o único marco datável com precisão, Balbilo se manteve na órbita das grandes e populosas cidades mediterrânicas, o que é compreensível, já que todas elas, Roma, Alexandria e Éfeso, eram notórios centros de difusão do saber letrado da época.

[58] DIÃO CÁSSIO, *Historiae Romanae*, LXV, 9. Tradução de E. Cary. Loeb Classical Library, 1927.
[59] *Idem*, *Historiae Romanae*, LXV, 9.
[60] CRAMER, F. *Astrology in Roman Law and Politics*. Filadélfia: American Philosophical Society, 1954, p. 138.
[61] *Idem*, p. 139.

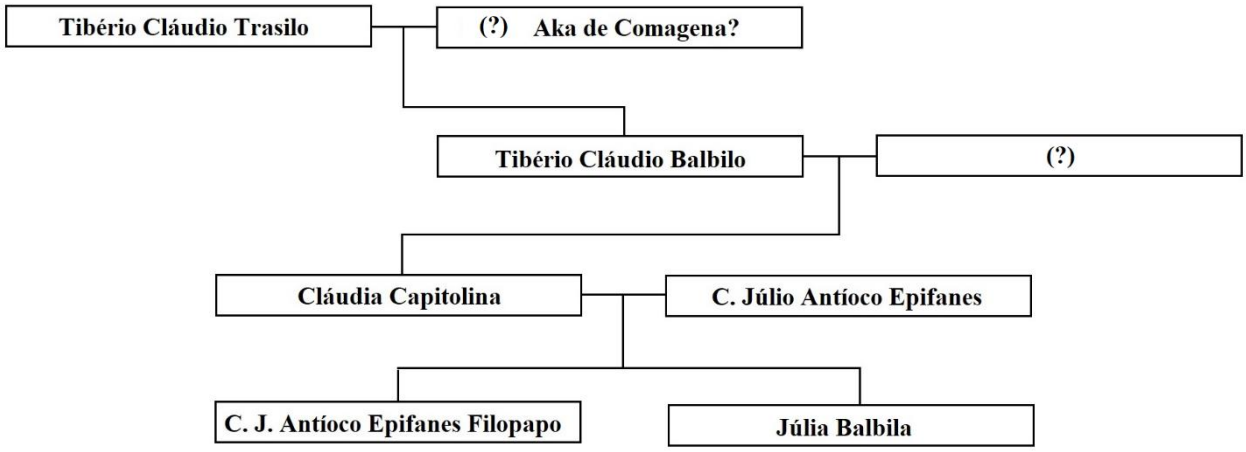


Fonte: Wikimedia Commons (para o *template* do mapa). Territórios, fronteiras, cidades e indicadores (Séc. I da Era Cristã) são de responsabilidade do autor

Nesse mundo aberto às interconexões culturais e políticas e de liberdade de trânsito por cidades e comunidades tão diversas, Balbilo e seu pai, Trasilo, são exemplos, em termos sociais, de indivíduos sem um contexto prévio discernível e que souberam se *aristocratizar*, isto é, elevaram-se ao mais alto nível político não só através do talento intelectual de astrólogo e sábio, mas igualmente por meio das relações de *amicitia* e matrimônios com inúmeros círculos aristocráticos distintos e capaz de navegar por entre eles mesmo em situações difíceis de disputas entre elites que, frequentemente, terminavam na execução dos perdedores. Nesse sentido, de maneira realmente impressionante, Balbilo foi capaz sobreviver às incertezas e perigos de seis imperadores consecutivos (de Cláudio a Vespasiano) e a uma guerra civil que vitimou um grande número de aristocratas menos afortunados. As interconexões culturais daquele universo permitiam que indivíduos com talentos intelectuais, sociais e políticos ascendessem a posições tão elevadas que seus descendentes se tornavam, assim, parte da elite senatorial de Roma, tão plena em sua posição quanto aquelas nativas da Península Itálica.

No caso de Balbilo, isso se torna ainda mais evidente quando olhamos para sua filha e neta, que não só se aristocratizaram, mas se tornaram realeza por vínculos matrimoniais. Com efeito, sabemos que o astrólogo foi casado, mas a identidade de sua esposa permanece completamente desconhecida. Dessa união nasceu Cláudia Capitolina[62], muito provavelmente, segundo Cramer, em torno dos anos finais de Cláudio (50-54 d.C.)[63]. Cláudia assegurou um casamento de enorme prestígio com os dinastas da casa real do pequeno potentado oriental de Comagena, Caio Júlio Antíoco Epifanes[64], filho do rei Antíoco IV, condição que a fez receber o título de *basilissa* em documentos epigráficos encontrados em Pérgamo. Dessa união nasceram Caio Júlio Antíoco Epifanes Filopapo[65] e sua irmã mais nova, Júlia Balbila[66]. Vespasiano pôs um fim à autonomia do reino de Comagena no ano de 72, de forma que Filopapo, um príncipe sem coroa, foi acolhido no seio das elites senatoriais romanas e fez sua carreira sob os auspícios de Trajano, alcançando o consulado no ano de 109. Júlia Balbila, por sua vez, foi uma aristocrata romana profundamente orgulhosa de suas origens e muito próxima do imperador Adriano e de sua esposa, Sabina. Balbila acompanhou a comitiva imperial em um *tour* pelo Egito no ano de 130 e, durante a viagem, visitaram as estátuas do faraó Amenófis III em Tebas, os famosos *Colossos de Mêmnon* na língua de gregos e romanos. Ali, gravado no monumento, assim como tantos outros visitantes, Balbila deixou um breve e instigante testemunho não só de seu talento poético, que era considerável, mas também o orgulho que tinha de sua ancestralidade, o que incluía Balbilo o "Sábio"[67], como revelam os seguintes versos: "Piedosos foram meus pais e avós, Balbilo o Sábio e o rei Antíoco; Balbilo, o pai de minha mãe de régio sangue e o rei Antíoco, o pai de meu pai. De sua progênie vêm meu sangue, e estes versos são meus, piedosa Balbila"[68]. A estrutura genealógica abaixo nos mostra com maior clareza esse processo bem-sucedido de enobrecimento e transformação dos descendentes de Balbilo em uma alta elite de Roma, conjugada, por via matrimonial, com uma casa real que manteve seu prestígio mesmo após o fim da independência de seu reino.

[62] *PIR*² C 1086.
[63] CRAMER, F. *Astrology in Roman Law and Politics*. Filadélfia: American Philosophical Society, 1954, p. 115.
[64] *PIR*² I 150.
[65] *PIR*² I 151.
[66] *PIR*² I 650.
[67] HEMELRIJK, E. *Matrona Docta*: Educated Women in the Roman élite from Cornelia to Julia Domna. Londres: Routledge, 2004, p. 157-163.
[68] *Idem*, p. 162. BERNARD, A; BERNARD, E. *Les Inscriptions grecques et latines du Colosse de Memnon*. Cairo: Institut Français d'Archéologie Orientale. 1960, p. 87. Tradução do autor.



Fonte: responsabilidade do autor (construída a partir de GROAG, E; STEIN, A. *Prosopographia Imperii Romani*, Saec. I. II. III. Berlim: Walter de Gruyter, 1993)

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi mostrar, através da trajetória ímpar de Tibério Cláudio Balbilo, toda a gama de possibilidades socioculturais e políticas que se abriam às comunidades do Mediterrâneo romano a partir do Principado, naquele que foi o ápice da maior expansão globalizante do Mundo Antigo. Com efeito, o curso de vida e a sabedoria do polímata Balbilo representam uma confluência de elementos e regiões tão intimamente interconectados que podemos afirmar, sem grandes dúvidas, que o antigo ideal do cosmopolitismo prevalente durante os primeiros séculos da Era Cristã e defendido em termos teóricos por filósofos estoicos se concretizaram largamente na figura de Balbilo, alguém que poderíamos chamar com toda a segurança de *homem-síntese* por sua própria natureza intrinsecamente plural.

Ao mesmo tempo, dada essa grande diversidade, acreditamos ser complexo, senão impossível, estabelecer qualquer forma de categorização eficiente para uma figura tão singular. Podemos dizer que se trata de um legítimo alexandrino por sua tradição intelectual e formação, mas, a despeito de seus elos com a velha capital ptolomaica e pelo claro vínculo que manteve com o Egito, caracterizá-lo como um egípcio seria discutível, já que não há evidência de que tenha saído da órbita dos ambientes helenizados, nem que falasse a língua nativa dos egípcios. Ao mesmo tempo, chamá-lo de grego é igualmente insatisfatório já que, embora falasse o grego, havia nascido numa comunidade secularmente distante da Grécia propriamente dita, comunidade essa de diáspora interligada com egípcios e judeus naquele verdadeiro caldeirão cultural, às vezes tenso e conflituoso, que era Alexandria. O adjetivo de romano também não o descreve por completo, já que sua romanidade foi,

acima de tudo, cidadã e política, mas aparentemente distante da cultura latina. Num universo de intensas interconexões, de trânsitos e trocas, estabelecer categorias diversas, étnicas, culturais, linguísticas se torna um grande desafio, muito embora sua utilidade seja relativa, uma preocupação certamente contemporânea, para fins historiográficos, didáticos e metodológicos, mas um procedimento estranho aos antigos, que certamente viam pouco ou nenhum sentido nisso, sobretudo durante a época do Principado romano quando a perspectiva do que era ser romano se complexificou grandemente. O paradoxo dessa interconectividade é o fato de que Balbilo transitou entre os meios helênicos alexandrinos, a cultura filosófica e teorética grega, o politeísmo e a religião greco-orientais, a herança astrológico-matemática mesopotâmica e a política romana, mas não cabe a nenhuma delas em sua totalidade, pois esses elementos sozinhos, ou de forma estanque, não podem explicar seu sucesso. Balbilo foi, portanto, o símbolo encarnado de todo um mundo, um mosaico vivo de conhecimentos das mais variadas sociedades mediterrânicas prévias ao domínio romano, igualmente integrado e reprodutor político desse mesmo domínio, um exemplo de que dicotomias absolutas do tipo ocidente/oriente e outras similares são insatisfatórias e limitantes quando pensamos no Mundo Antigo.